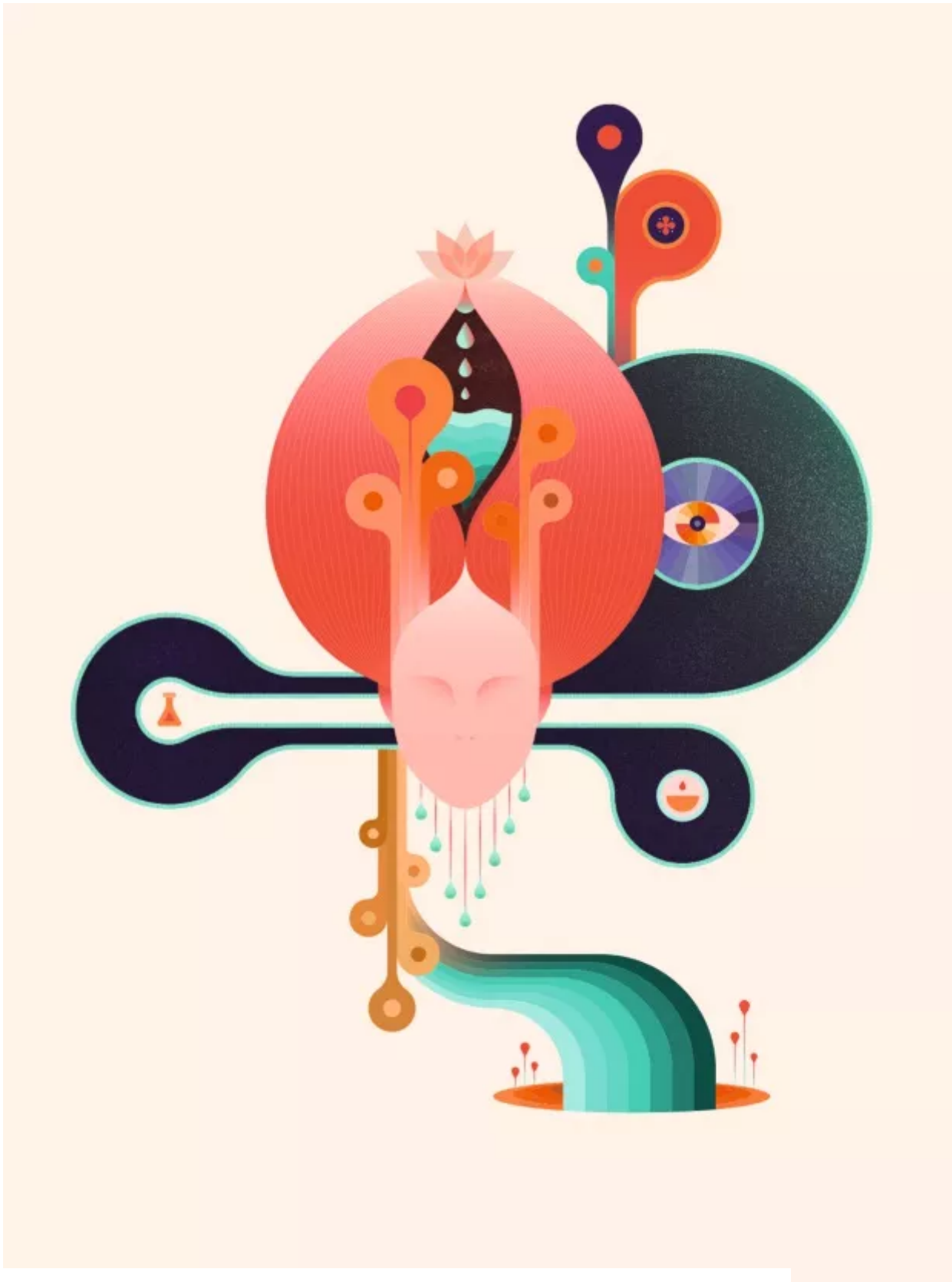


FICA O QUE SIGNIFICA

Compartilhar

Assine já!

Há muito
temos



problematizado a questão do excesso como uma característica da sociedade contemporânea. Excesso de possibilidades de produtos tão prosaicos quanto xampus, sabonetes e sucos; excesso de cursos a escolher para ingressar na universidade (a última informação que tive apontava mais de 450 cursos de graduação possíveis); excesso de trabalho burocrático decorrente dos aperfeiçoados mecanismos de controle... Diante do excesso, um caminho factível e bastante humano é a estagnação em decorrência da fadiga, mas também podemos tentar escolher o que é melhor ou mais razoável, impondo assim a necessidade da elaboração de critérios próprios ou da busca de curadorias: uma pessoa ou instituição em que confiamos, que faz as escolhas, e nós aderimos pelo endosso que possuem.

PUBLICIDADE

inRead invented by Teads

O tema também nos faz lembrar da concorrência pela atenção. Produtores de conteúdos de todo tipo concorrem pela nossa atenção nas ruas, em nossas casas, em todas as mídias e em pontos de contatos presenciais e digitais construídos especialmente com o objetivo de nos “atingir”. Tirando o belicismo de lado, poderíamos falar em “chamar nossa atenção”, “nos tocar”, “nos sensibilizar”. Mas, diante do excesso, as chances de que sejamos “tocados” de fato são muito reduzidas.

Algo nos chama a atenção apenas, e tão somente se, ao penetrar nossos sentidos, reconhecemos seu valor. Reconhecimento pela sensibilidade (visão, olfato, paladar, tato, audição e suas misturas) ou pela cognição (compreensão, raciocínio, entendimento). E se esse valor for positivo, relevante e fizer sentido para nós, aí sim, seremos tocados.

Apenas nessas condições é que teremos a possibilidade de, além da atenção, conquistar algum lugar de permanência e, quem sabe, a condição de transformação de ideias e comportamentos. Só guardamos o que é importante para nós física. Só persiste em nós o que pouco ecológico, nem serve

para reaproveitar, jogamos fora de imediato. Nosso desafio é saber o que faz sentido para o outro. O que é importante para aqueles que queremos tocar. Impõe-se, assim, uma postura antropológica e psicanalítica com o caminho para construção dos sentidos. Fica a dica, só fica o que significa.



Clotilde Perez (clopez@terra.com.br) é semioticista, professora da USP e da PUC-SP, e fundadora da Casa Semio.

(Foto: Jennifer Koo / Divulgação)
